

# ¡VIVA LA LIBERTAD, CARAJO! ENTRE LA LIBERTAD PENSABLE Y EL AISLAMIENTO IMPENSABLE

VIVA A LIBERDADE, CARALHO!  
ENTRE A LIBERDADE PENSÁVEL  
E O ISOLAMENTO IMPENSÁVEL.

LONG LIVE FREEDOM, DAMN IT!  
ON THINKABLE FREEDOM  
AND UNTHINKABLE ISOLATION

Liliana Blaustein V.  
ORCID: 0009-0009-8672-5347  
Correo electrónico: lilyblaustein@gmail.com

Guillermo Manrique de Lara  
ORCID: 0009-0009-6234-5788  
Correo electrónico: guillermomdlb@hotmail.com  
Instituto InterCambio de Psicoterapia Psicoanalítica

Fecha de Recepción: 18 - 09 - 2025  
Fecha de Aceptación: 29 -09 - 2025

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Blaustein V. L. - Manrique de Lara G. (2025) ¡VIVA LA LIBERTAD, CARAJO! ENTRE LA  
LIBERTAD PENSABLE Y EL AISLAMIENTO IMPENSABLE  
Intercambio Psicoanalítico 16 (2), DOI: 10.60139/InterPsic/16.2.2  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# VIVA A LIBERDADE, CARALHO!<sup>1</sup> ENTRE A LIBERDADE PENSÁVEL E O ISOLAMENTO IMPENSÁVEL.

<sup>1</sup> Slogan da campanha do atual presidente eleito da Argentina, Javier Milei.

Liliana Blaustein V.<sup>2</sup>  
Guillermo Manrique De  
Lara<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Mestre em Serviço Social Psiquiátrico pela Yeshivah University, Nova Iorque. Bacharel em Psicologia pelo Hunter College, CUNY. Nova Iorque. Presidente da Inter-Cambio, instituto de psicoterapia psicanalítica, membro do conselho da IAGP (Associação Internacional de Psicoterapia e Processos Grupais). Participou de vários livros e revistas especializadas com artigos como: *Mediadores terapêuticos: Dando voz às partes silenciosas de nossa experiência* (2025); *Alguns pequenos picados* (2023); *Prevenir a violência. Às vezes é melhor cantar* (2021). *Chulla-Chaqui e Catfish, o sinistro revisitado* (2014). Desenvolveu sua prática psicanalítica clínica, acadêmica e grupal/social em Nova York, Manágua e Lima.

<sup>3</sup> Mestre em Estudos Teóricos em Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica do Peru. Professor, membro associado e atual Diretor de Formação do Instituto Inter-Cambio de Psicoterapia Psicanalítica. Psicólogo clínico no serviço de saúde mental do Centro Médico Naval. Psicoterapeuta de adultos e casais. É autor dos artigos *Psicanálise aplicada a um espaço acadêmico: o grupo como um espaço potencial em um workshop de aprendizagem* (2014) e *Entrevista com César Botella* (2015), publicados na Revista da Sociedade Peruana de Psicanálise.

*Oh, é um mistério para mim  
Temos uma cobiça, com a qual concordámos  
E acredita que tem de querer mais do que necessitas  
Até que você tenha tudo não serás livre.  
Sociedade, és uma raça louca  
Espero que não te sintas sozinha sem mim  
Quando queres mais do que tens  
Achas que precisas algo  
E quando pensas mais do que queres  
Os teus pensamentos começam a sangrar*

Canção de Eddie Vedder. "Into the wild"

Em este trabalho, nos propomos pensar o tema da liberdade a partir da nossa complexa experiência emocional (consciente e inconsciente), nos diversos âmbitos em que se desenvolve a nossa subjetividade. Gostaríamos de começar com uma definição de liberdade política de Noëlle McAfee (2015):

Sustento que a liberdade política requer liberdade psíquica ou, em outras palavras, que a política - a prática de falar e agir com outros para decidir o que fazer e criar algo novo - requer um imaginário político radical que só pode ser alcançado por meio da revolta interior e do questionamento radical de nós mesmos (p. 87).

Na citação, McAfee inter-relaciona dois tipos de liberdades. Em este ensaio, queremos ir mais longe no desenvolvimento destes conceitos e introduzir a noção de liberdade pensável<sup>1</sup>. Acreditamos que a *liberdade pensável*, se desenvolve na cadeia associativa intra, inter e trans-subjetiva, bem como no âmbito da participação social e política, que são os espaços onde se entrelaçam os diferentes níveis de vínculos dos seres humanos consigo mesmos e com os outros. Essa liberdade pensável é a única liberdade possível, em contraste com a postulação delirante da «liberdade absoluta» proposta pelo neoliberalismo que, por ser impossível, confunde a «liberdade» com a desvinculação onipotente que ataca a capacidade de pensar a experiência humana.

---

<sup>1</sup> Com a ideia de «liberdade pensável», queremos aludir à liberdade sonhável, na linha de Ogden (2005); ou seja, uma noção de liberdade que dá conta dos complexos processos de metabolização e integração dos diferentes aspetos relacionais da nossa experiência vivida.

Estamos num mundo dominado por um sistema económico e político que vende a ideia de um sujeito capaz de escolher sem limites o seu próprio destino. No entanto, paradoxalmente, é um tempo em que tudo o que consideramos essencial para aceder a uma liberdade possível é dinamitado. O resultado disso é um sujeito confuso e invadido pela culpa de acreditar ter tudo à sua disposição para ser «livre» e feliz, exceto a si mesmo. Afastado de seus vínculos sociais, sua pretensa “liberdade” vai se transformando apenas em uma liberdade de consumo; nas palavras de Recalcati, essa liberdade se reduz a mero capricho, uma vez que “o capricho é, efetivamente, uma forma de liberdade separada do sentido ético da responsabilidade” (Recalcati, 2014, p. 52). Mais grave ainda, o engano de uma «liberdade absoluta» submete a grande maioria a uma superexploração ao serviço do inútil benefício de minorias que controlam e controlarão os nossos destinos, enquanto colaborarmos com elas.

### **A liberdade pensável**

Embora possa parecer contraditório, consideramos que a liberdade pensável tem as suas raízes no período inicial da vida. Esse momento possui entre as suas tendências (provavelmente em continuidade com a experiência intrauterina) uma necessidade primária que corresponde aquilo que Freud (1914) introduz como «eu ideal», e que autores posteriores se encarregam de desenvolver, ampliando as suas implicações para a estruturação do psiquismo humano. Assim, por exemplo, Janine Chasseguet-Smirguel (1985) vê nesta instância a herdeira do narcisismo primário, ligando-a com uma experiência de fusão com a mãe/mundo, onde o ela é o seu próprio ideal. A fusão e a onnipotência são características necessárias deste período.

Para além da postura kleiniana e pós-kleiniana do período inicial, em relação a uma prematuridade repleta de um terror sem nome (Bion, 1962), esse desvalimento (a nossa condição «canguru») coexiste com momentos de recuperação do equilíbrio orgânico e emocional no encontro com a satisfação. Essa satisfação primária requer, num primeiro momento, de uma experiência de amor «suficientemente boa» (entendida como o desejo de que esse bebé exista); de cuidado, entendido como a sustentação de Winnicott (1960) e da capacidade de contenção psíquica da identificação projetiva do intolerável que preserve esse bem-estar pleno (Bion, 1962). Ogden (2005, p. 93) refere-se a esse período quando alude ao termo «*continuar sendo*» («*going on being*») de Winnicott, e salienta: «é uma frase que é toda verbo, sem sujeito. A frase consegue transmitir o sentimento do movimento da experiência de estar vivo num momento anterior ao bebé se ter tornado sujeito».

Assim, vai se estabelecendo uma incorporação progressiva da capacidade de contenção das experiências até que seja tolerável o registo do vínculo simbiótico com uma figura materna, sustentado por um pai ou outro terceiro que contenha esse vínculo originário (Green, 2011). Estes processos vão instalando a capacidade de sentir e pensar a partir do diádico, o que, por sua vez, inicia a potencial construção da terceiridade.

Ou seja, da capacidade de compreender e tolerar o fato de que é no vínculo com os outros que se cria a possibilidade da influência mútua e de uma síntese singular na complexidade que implica estar vivos nas nossas vidas num contexto.

No entanto, sendo a integração sempre um processo parcial, uma parte dessa experiência fusional primária permanece no nosso funcionamento psíquico ao longo da vida. Desde a psicanálise tem se enfatizado muito a necessária ruptura da simbiose primária com o objeto materno como uma condição para iniciar o acesso à própria individualidade. No entanto, sem diminuir a importância dessa perspectiva, tem-se dado menos ênfase à indispensável importância do vínculo primário como constituinte da continuidade psíquica que faz a ponte para uma individualidade plena e criativa. Na perspectiva de acessar a liberdade individual, pensamos que transitar interiormente protegidos por zonas menos diferenciadas, por áreas de fusão psíquica com os outros significativos, é tão importante como se des-sujeitar deles. O fusional o alcançado está presente, por exemplo, no sonho, na fantasia, no brincar, na criação artística e as descobertas científicas. No intersubjetivo, encontramos-a no enamoramento, no encontro sexual e no vínculo terapêutico psicanalítico; e no social, em pertencer a grupos humanos, instituições ou coletividades, ou quando aderimos a alguma causa social ou política. De forma mais ampla, podemos dizer que o nosso sentido de liberdade pensável tem as suas raízes no mais profundo dos vínculos originários que forjamos e que nos atam silenciosamente ao humano e ao vivo. E é justamente em esses âmbitos — intra, inter e transsubjetivos — que podemos detectá-la: uma liberdade que transcende o que é percebido da realidade, abrindo caminho para o novo, sem se afastar do sentido da realidade que inclui o reconhecimento dos outros e do nosso lugar no mundo.

No entanto, o processo de desenvolvimento precoce para uma existência humana implica o triunfo em intensas batalhas entre Eros e Thanatos. O resultado de essas batalhas é incerto nos melhores momentos e pode ser feroz nos piores. São processos que implicam, tanto para o bebê como para os seus pais, a marca do histórico nos complexos elos da cadeia que vai desde a predisposição orgânica que cada um traz consigo até aos vínculos intersubjetivos e macro-grupais, sociais e históricos, nos quais estamos inseridos. As coisas podem falhar em qualquer ponto da cadeia.

Vamos tomar aqui uma referência de Bolognini (2011) que, falando do trabalho clínico com pacientes considerados graves, evoca o mito grego de Peleu.

A lenda narra que o herói Peleu, apaixonado por Tétis, filha de Poseidon, por ela ser uma deusa e ele um simples mortal, teve que enfrentar uma prova muito difícil para conquistar o direito de se unir a ela. A deusa... dotada da capacidade de se metamorfosear, desafiou-o a abraçá-la e segurá-la firmemente enquanto ela se transformava em diversas formas, numa luta longa e silenciosa. Para tê-la, ele nunca deveria soltar o seu abraço. De acordo com diferentes versões do mito, Tétis transformou-se nos seus braços primeiro em fogo, depois em gelo, em ponta de flecha, em serpente e em muitas outras aparências, a última das quais, curiosamente, foi a de uma sépia. Mas Peleu, que estava seguro do seu amor, nunca a soltou, até que a deusa — vencida, mas, podemos pensar, acima de tudo «convencida» da certeza do desejo dele — se abandonou conjugalmente feliz nos seus braços (p. 186).

Esse triunfo de uma contenção que tenta «não soltar», esse abraço amoroso que com-vence, instala o que ele denomina «o intersíquico», ou seja, uma experiência em que “é possível compartilhar um nível básico de fusionalidade fisiológica economicamente vantajosa, com áreas de união tranquila, sem que o sujeito e o objeto se sintam invadidos, negados ou ‘substituídos’ pelo outro” (Bolognini, 2011, p. 184). Na mesma linha, formulou o conceito de «perda e/ou abertura de limites benignos», para descrever as passagens para experiências fusíveis saudáveis quando o eu defensivo do indivíduo é desativado ou relaxado. De acordo com ele, essas regressões parciais não patológicas constituem:

... uma das metas profundas da vida humana, uma vez que permitem o acesso à fusão primária, à nutrição concreta e simbólica, à socialização, ao emparelhamento amoroso, ao contacto interno com partes do self e à empatia” (Bolognini, 2004, p. 229).

Acreditamos que somente uma mente capaz de acolher e reconhecer sua própria dependência dos outros, e de se permitir transitar interiormente por essas áreas de fusionalidade criativa, alcança expressões de liberdade que podem se estender para o bem comum. A dança entre o amoroso e o mortífero das sociedades humanas pode ser expressa também na aspiração utópica de um equilíbrio harmonioso entre o bem comum e o bem-estar individual. É em toda essa complexidade de territórios e espaços psíquicos que se desenvolve a liberdade pensável.

### **O isolamento impensável**

Todo mundo que navega na amazon.com (...) vagueia num isolamento construído algorítmicamente, como num panóptico em que, incapazes de nos vermos uns aos outros, só vemos... o que o algoritmo nos permite ver para maximizar seu lucro na nuvem. Yanis Varoufakis (2024, p. 87)

Bastante cedo em seu pensamento, Freud (1908, 1912, 1930) nos colocou na pista de que os sintomas de nossos pacientes eram também uma via de acesso à cultura. Agora entendemos melhor que em cada trama singular pode-se ouvir o sujeito social de cada época e, ao mesmo tempo, cada indivíduo contribui com seu ponto original para o tecido social que constitui.

Sabemos atualmente que a experiência subjetiva dos nossos pacientes nos leva a territórios cada vez mais primários, quase às fronteiras mesmas do surgimento da vida e do psíquico, onde, nas palavras de Ogden (2014), se joga *a vida não vivida*. Hoje em dia, para dizer de forma desportiva, «o jogo é jogado noutro campo».

Estamos interessados em aproximar-nos para pensar sobre o que é esse outro jogo, em que campo é jogado e quais são as regras do jogo. Acreditamos que o sofrimento do sujeito desta época, em muitos aspectos, tem a ver com a confusão entre a pseudopercepção de um mundo de supostas «liberdades absolutas» e a impotência de se deparar com condições subjetivas que o isolam da possibilidade de se apoiar nos seus vínculos humanos para poder expressar a sua liberdade pensável dentro de si e com os outros, no mundo.

Somos confrontados com estados psíquicos em que a vida mental é seriamente atacada: comportamentos aditivos, estados desorganizadores de pânico e perseguição no encontro com o outro real, retiros narcisistas massivos para o mundo virtual (“era autistoide”, nas palavras de Jorge Ahumada), estados de vazio e solidão insuportáveis, intolerância e violência extrema para com o outro e para consigo mesmo, etc. Pensamos aqui em alguns dos nossos pacientes que, longe de sentir saudades do mundo que nos foi roubado pelo vírus na pandemia, começaram a sentir-se internamente aliviados pelo confinamento e, em certos casos, francamente felizes. Como nos dizia D., quando a quarentena começou a ser levantada: “Sabe, no fundo, tudo isso me irrita, eu queria que o mundo ficasse assim... todos em suas casas e pronto, acabou-se a vida como a conhecemos. Seria um pouco como se todos estivéssemos iguais, equiparados. No mundo virtual, tenho mais domínio, sou alguém diferente”. Para ele, era preferível o isolamento de uma experiência virtual total do que continuar a suportar o encontro com os outros reais, carregado de dor e perseguição; a liberdade impossível no mundo da presença foi substituída por uma sensação de pseudo-liberdade construída sobre uma realidade mais onnipotentemente controlável, a partir do espaço virtual.

Jonathan Haidt (2024), investigador da Universidade de Nova Iorque, mostra-nos um panorama difícil da juventude precoce. Afirma que os smartphones provocaram uma onda de ansiedade e depressão na geração Z em todo o mundo, um acesso contínuo às redes sociais, videojogos online e outras atividades baseadas na Internet. Segundo ele, há quatro danos fundamentais neste impacto na juventude: privação social (não há socialização fora de casa), privação de sono, fragmentação da atenção e dependência. Os dados a esse respeito são impressionantes: entre 2010 e 2020, os casos de automutilação aumentaram 150% e os suicídios, 50%. (Sendo que esse número representa um aumento de 167% para pré-adolescentes e adolescentes do sexo feminino).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Por outro lado, no Peru, os números do Ministério da Saúde (MINSa, 7 de dezembro de 2022) relataram que, entre 2016 e 2021, 71% dos suicídios ocorreram em pessoas entre 15 e 34 anos.

Existe uma complexidade transgeracional histórica, social e cultural por trás destes dados distópicos do presente. As causas correspondem a múltiplos domínios da experiência humana. A tecnologia virtual, inicialmente produto da livre colaboração criativa de milhares de indivíduos, é hoje um dos principais veículos de processos nos quais os nossos vínculos sociais estão se destruindo. O sistema económico tem cada vez mais poder para promover as características da nossa mente que mais o favorecem, como os traços aditivos, e atacar as que não o favorecem, como a empatia. A transmissão dessas preferências do sistema expressa-se na intimidade dos laços com a família e a comunidade. Ou seja, nas atuais condições sociais, até que ponto é possível aos pais e às comunidades humanas manter os braços em torno das crianças e adolescentes, contendo as suas necessidades de desenvolvimento? E até que ponto tiveram de largar esses abraços, deixando as crianças e adolescentes expostos a um impacto direto, não mediado, de forças onde prevalece o destrutivo e estão ausentes a vida e o amor?

Pensando nisso, Grotstein (1995) cunhou o termo “órfãos do real” para descrever o estado de orfandade psíquica de certas pessoas diante da profunda negligência daqueles que deveriam cuidar delas e contê-las no início da vida. Assim, elas são “lançadas” prematuramente à realidade. Elas saem para o mundo sem terem tido as proteções psíquicas necessárias, tendo que estabelecer defesas muito primárias que prejudicam substancialmente a possível integração das partes de sua mente. Por outro lado, numa análise do trabalho de Winnicott sobre «O medo do colapso», Ogden (2014) explica-nos que o colapso psíquico a que Winnicott se refere não é sinónimo de psicose, mas sim um estado de agonias primitivas impensáveis, que são vividas em momentos de desconexão do vínculo primordial mãe-bebé; assinala:

O infante que se encontra num estado não integrado, por si mesmo, fora do vínculo mãe-infante, está num estado de terror e, em vez de experimentar a agonia, impede o desenvolvimento da experiência e substitui-a por uma organização de defesa psicótica» (pp. 210-211).

Ou seja, as defesas psicóticas viriam a evitar as angústias aterrorizantes do colapso dos primeiros momentos da vida, o mesmo que se enraíza na desconexão do afeto amoroso no vínculo primordial na vida do bebé. Embora esses conceitos tenham sido pensados para pacientes considerados graves, acreditamos que eles nos permitem fazer uma ponte com as condições contemporâneas de subjetivação. Os meios eletrónicos conseguiram prolongar os horários de trabalho e captar a atenção dos pais de tal forma que as funções parentais ficam bloqueadas ou enfraquecidas. Consequentemente, as crianças são lançadas prematuramente e sem mediação ao contacto com um excesso de informação e conteúdos virtuais que ultrapassam violentamente as suas capacidades de incorporação. Hoje, quando não há tempo, exceto para o consumo e

a hiper produtividade, as famílias parecem não ser elementos suficientemente mediadores/metabolizadores do impacto dessas condições de existência. Os pais, além de seus melhores esforços, não só têm dificuldade em refletir a transformação da identificação projetiva em conteúdos passíveis de serem introjetados por seus filhos, mas também em se estabelecerem como objetos de desejo mais atraentes do que as telas. Estas, por sua vez, fornecem apenas pseudo-identificações que «remendam» temporariamente os buracos afetivos do self. Para muitas crianças, as telas substituíram esse olhar especular e narcisante dos pais, confundindo o que deveria ser a contenção do amor por um simulacro de vínculo e que só pode devolver uma imagem fragmentada e carregada de elementos persecutórios. Daí que Marta Gerez (2023) denomine o sujeito contemporâneo como «um esboço de Narciso», isto é, um Narciso que se afastou do espelho para se voltar para as telas, gerando, como diz o cantor Victor Heredia: «... essa solidão que todos carregamos, ilhas perdidas...».

Por outro lado, é necessário pensar as condições estruturais e históricas de produção do sofrimento contemporâneo. Desde “O mal-estar na cultura” (Freud, 1930), a psicanálise tem se questionado sobre os desafios que enfrentamos como espécie na busca de soluções coletivas que contribuam não apenas para a nossa sobrevivência, mas também para o nosso bem-estar. De acordo com Kaes (2007, p. 4), a criação das estruturas sociais e da cultura impõe “o pacto de renúncia à realização direta dos fins pulsionais que funda a comunidade de direito, que nos protege contra a violência, impõe o trabalho da cultura e torna possível o amor”. Acreditamos que a natureza desses pactos coletivos, embora estruturantes, sempre contém um aspecto ilusório. Atualmente, Kaes (2007, p. 2) postula que a nossa experiência subjetiva é ameaçada pela «instabilidade dos seus alicerces, pelas fraturas dos receptáculos que enquadram e sustentam os processos do seu desenvolvimento». Poderíamos dizer com Bolognini: a queda dos braços que sustentam.

A história dos «acordos metasociais» da humanidade reflete avanços e retrocessos caóticos, onde muitas vezes a violência e a mentira impõem a ordem social. Temos momentos de triunfo do amoroso e do vivo, seguidos pela devastação do destrutivo no interior das sociedades e nas ligações com outras sociedades. Um exemplo desses momentos em que a vida abre caminho é a experiência da democracia grega entre os séculos VIII e V a.C. Surge um período de plena participação de todos os cidadãos nas decisões que afetam a vida coletiva. É um momento que confirma que uma convivência mais justa e inclusiva é possível (James, 1956).

Contrariamente, na experiência contemporânea, o bem individual aparece separado de qualquer referência (ou esperança) do bem-estar coletivo. Acreditamos que uma “reprimarização” do funcionamento mental vem ganhando protagonismo: na falta de um espaço intersíquico constituído, as aproximações com o outro podem estar imbuídas de intrusividade, abandono ou indiferença mortífera, tornando quase impossível

qualquer convivência viva criadora de intimidade. É quando o paranoide, o violento, o aditivo e a sombra escura do narcisismo negativo invadem a cena, mostrando-nos os rostos da loucura contida no isolamento impensável.

McGowan (2016) afirma:

O capitalismo transcende a cultura... A cultura proporciona ao sujeito um sentido de pertencimento que o capitalismo não proporciona... O capitalismo oferece a promessa de pertencimento com cada mercadoria ..., mas o sujeito nunca pode comprar a mercadoria perfeita, ou as suficientes, para desvendar o segredo do pertencimento... (p. 19).

Essa adesão a um objeto que promete uma satisfação que apenas aumenta a necessidade de preencher um vazio impossível de ser preenchido é ilustrada por Director, L. (2002), quando apresenta a experiência de um paciente que convive, ao mesmo tempo, com um sucesso profissional árduo e um vício suicida em álcool:

... os seus sonhos pareciam trazer-lhe uma liberdade paradoxal — ele cobrava vida quando adormecia — desde que os seus sonhos nunca se tornassem realidade; como era conveniente, então, beber álcool: oferecia-lhe um estado condicional para se permitir uma vivificação. Ele podia fazer ou ser o que quisesse, no álcool ou no sonho, desde que permanecesse somente em esses universos (p. 551).

O isolamento impensável insere-se em condições em que o neoliberalismo parece ter fundado uma nova organização económica e social baseada na manipulação financeira através da tecnologia. No centro desse sistema está a promoção do engodo da “liberdade absoluta”. Como diz cinicamente o atual presidente da Argentina, Javier Milei (2022), este é um sistema onde: “O indivíduo tem liberdade absoluta de escolha, e se as suas opções são trabalhar 14 horas ou morrer de fome, caberá a ele decidir o que escolhe”.

Em este momento, uma desigualdade como nunca antes na história deixa uma minoria ínfima com o poder de controlar um sistema que os enriquece de uma forma sem precedentes, enquanto o resto da humanidade empobrece económica, vincular e psiquicamente. A isto podemos acrescentar a destruição iminente do mundo natural que nos sustenta. Esta “reprimarização” da nossa psique é absolutamente funcional para nos manter compartimentados e cegos ao nosso interesse comum. Sendo tudo isto prevalente, não podemos deixar de mencionar que os mesmos meios eletrônicos que destroem os nossos vínculos tem sido, são e poderão ser usados para favorecer uma vincularidade familiar, comunitária e política, desde que estejam ao serviço do humano.

Por outro lado, é importante marcar a diferença entre o norte e o sul global. Por um lado, o Sul tem suportado a destruição proveniente do colonialismo e do pós-colonialíssimo extrativo e destrutivo do norte global, incluindo o impacto das alterações climáticas. No obstante, acreditamos que, pelo menos parcialmente, o sul global (Ásia, África e América Latina,

que compartilham a herança pós-colonial) conseguiu a sobrevivência de vínculos e recursos culturais comunitários, incluindo a arte. Além disso, o Sul abriga territórios de natureza ainda preservada, vitais para a sobrevivência da humanidade. As persistências de mediações criativas possibilitam a esperança de uma resistência ao destrutivo e uma rebelião em favor do vivo, em coletivos que integrem nossos interesses interseccionais. A partir do que vive e persiste, é possível sonhar com novos tecidos de vínculos que nos sustentem. Um exemplo desse potencial está na expressão de J., um pescador pertencente à Associação Pachacutana, que reúne os e es vizinhos de Ventanilla organizados para se defenderem do pior derrame de petróleo na costa do Peru. Ele nos diz:

Como não sentir saudade de acordar de madrugada e sair com os companheiros para pescar e depois voltar para casa e chamar: Pai, mãe, esposa, já trouxe peixe. Vamos fazer um ceviche para o almoço.<sup>3</sup>

A contribuição da psicanálise para a revelação da verdade vincular e das cadeias afetivas que constituem o humano podem também apoiar os processos grupais e macro-grupais que transformariam as circunstâncias atuais. Isso implica apropriarmo-nos da liberdade de abrir os nossos braços, primeiro em torno das crianças e adolescentes. Mas, além disso, consideramos urgente estender esse abraço para unir forças com indivíduos e organizações, no Norte e no sul. É vital enfrentar a mentira de que a nossa destruição é inevitável. Este é o único planeta com vida no universo conhecido e resulta monstruoso que essa vida sucumba à voracidade da ganância de alguns. Cabe-nos, dentro e fora do consultório, sonhar e fazer para que a força criativa, a liberdade possível do amoroso dentro de nós e entre nós, reivindique o direito de fundar uma nova utopia: transformar a vida dos nossos vínculos sociais, favorecendo o complexo e inseparável entrelaçamento entre o bem-estar individual e o bem comum, hoje ameaçados, mortiferamente, como nunca antes

<sup>3</sup> Esta citação pertence a “Mediações, criatividade e vínculos diante de um desastre ecológico”, intervenção psicanalítica comunitária da I-Cels (Intercâmbio na sociedade) em dois centros de saúde mental do MINSA. Realizada entre maio e outubro de 2022.

#### Referências bibliográficas

- AHUMADA, J. (2014). El camino a la Era Autistoide. *Revista de Psicoanálisis, APA*, Tomo LXXI, 4, 671-687.
- BION, W. R. (1962). A theory of thinking. In *Second Thoughts*. New York: Aronson.
- BION, W. R. (1962). Learning from experience. In *Seven Servants*. New York: Aronson.
- BOLOGNINI, S. (2004). La empatía psicoanalítica. Buenos Aires: Lumen
- BOLOGNINI, S. (2011). El abrazo de Peleo. Supervivencia, contención y convencimiento en la experiencia analítica con patologías graves. Em: *Pasajes Secretos. Teoría y técnica de la relación intersíquica*. Buenos Aires: Lumen.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1985). The Ego Ideal: A Psychoanalytic Essay on the Malady of the Ideal. New York: W.W. Norton.
- DIRECTOR, L. (2002). The value of relational psychoanalysis in the treatment of chronic drug and alcohol use. *Psychoanalytic Dialogues*, 12(4): 551-579.
- FREUD, S. (1908/1986). La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna. Em: J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras completas (Vol. IX)*, pp. 163-186). Buenos Aires: Amorrortu.
- FREUD, S. (1912/1986). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa. Em: J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras completas (Vol. XI)*, pp. 165-178). Buenos Aires: Amorrortu.
- FREUD, S (1914/1986). Introducción al narcisismo. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras completas (Vol. XIV)*, pp. 65-98). Buenos Aires: Amorrortu.
- FREUD, S (1930/1986). El malestar en la cultura. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras completas (Vol. XXI)*, pp. 57-140). Buenos Aires: Amorrortu.
- GÉREZ, M. (2023). Narciso contemporáneo: las pantallas, nuevo espejo. Conferencia en modalidad virtual organizada por la Asociación Psicoanalítica Argentina. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=mcnc3RgVnt0>.
- GREEN, A. (2011). La construcción del padre perdido. En *Conferencias en México Vol. 1*. Paradiso Editores: México D.F., pp. 125-154.
- GROTSTEIN, J. (1995). Orphans of the "Real". The future of object relations theory in the treatment of the psychosis. *Bulletin of the Menninger Clinic*: 59 (3): 312-332.
- HAIDT, J. (2024). *The Anxious Generation: How the Great Rewiring of Childhood Is Causing an Epidemic of Mental Illness*. USA: Penguin Press
- <https://www.marxists.org/archive/james-clr/works/1956/06/every-cook.htm>
- <https://www.youtube.com/watch?v=EbF-PBJS1fg>
- JAMES, L.R. (1956). *Every Cook Can Govern*. Recuperado de:
- Kães, R. (2007, 16 de abril). "El Malétre (Malestar) del mundo moderno. Los fundamentos de la vida psíquica y el encuadre metapsíquico contemporáneo". [Conferencia no publicada]. Asociación de Psicología y Psicoterapia de Grupo (AAPPG), Buenos Aires, Argentina.
- MCAFFEE, N. (2015). Freedom psychoanalysis and the radical political imaginary. Em: *SPELL (Swiss papers in English language and literature)* 32(87-99): Literature, Ethics, Morality: American Studies Perspectives. Ridvan Askin and Phillipp Schweighauser (Eds). Published by Gunter Narr, Tübingen.
- MCGOWAN (2016). *Capitalism and desire. The Psychic Cost of Free Markets*. New York: Columbia Uuniversity Press.
- MILEI, J. (2022). Cita extraída del programa de televisión *Periodismo Puro* en NET TV, Argentina, 28/05/2022. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=CeTSfOcryD4>
- OGDEN, T. (2005). On holding and containing, being and dreaming. Em: *This art of psychoanalysis*. Routledge. GB.
- OGDEN, T. (2014). Fear of Breakdown and the unlive life. Em: *International Journal of Psychoanalysis* (2014) 95- 205-223.
- PLATAFORMA DIGITAL ÚNICA DEL ESTADO PERUANO. MINISTERIO DE SALUD DEL PERÚ. (2022, 7 de diciembre). El 71,5 % de los casos de intento de suicidio en el Perú es de personas entre 15 y 34 años.
- Recuperado de: <https://www.gob.pe/institucion/minsa/noticias/648965-el-71-5-de-los-casos-de-intento-de-suicidio-en-el-peru-es-de-personas-entre-15-y-34-anos>
- RECALCATI, M. (2014). *El Complejo de Telémaco. Padres e hijos tras el ocaso del progenitor*. Barcelona: ANAGRAMA.
- VAROUFAKIS, Y. (2024). *Technofeudalism: What Killed Capitalism*. Brooklyn: Melville House.
- WINNICOTT, D. W. (1960). The theory of the parent-infant relationship. Em: *International Journal of Psychoanalysis*, 41, 585-595.
- WINNICOTT, D. W. (1960). The theory of the parent-infant relationship. Em: *International Journal of Psychoanalysis*, 41 (585-95).